

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O CONSUMO INFANTIL DE ALIMENTOS INDUSTRIALIZADOS E A RENDA FAMILIAR NA CIDADE DE PONTE NOVA-MG

Virgínia Arlinda da Silva¹
Iris Ferreira de Sousa²
Lucíola Lourenço da Silva³
Andreza de Fátima Coelho Garcia⁴
Maria das Dores Saraiva de Loreto⁵

RESUMO

Este estudo busca descrever o consumo infantil de alimentos industrializados e a relação com a renda familiar *per capita*, com base em inquérito domiciliar. O estudo foi realizado na cidade de Ponte Nova-MG, no período de outubro de 2007 à março de 2008. Para tanto, foi analisado o consumo alimentar, com base em inquérito recordatório de 24 horas, de 150 crianças, incluídas na faixa etária de zero e 59 meses de idade. Analisou-se também a relação entre o consumo de 18 tipos de alimentos industrializados e a renda familiar *per capita*. Como resultados do estudo percebeu-se que o consumo de alimentos industrializados é muito grande em qualquer estrato de renda, sendo que o consumo de açúcar foi maior entre as crianças de menor renda, enquanto achocolatados, chocolates, iogurte, leite em pó e refrigerantes foram mais consumidos por crianças de maior renda familiar *per capita*. Com isso conclui-se que a renda familiar *per capita* dos membros familiares nas quais as crianças estão inseridas influencia diretamente o consumo de alguns alimentos industrializados, principalmente aqueles de custo mais elevado, como leite em pó modificado, cereais matinais e presunto.

PALAVRAS-CHAVE: Consumo alimentar, Criança, Renda *per capita*.

1 INTRODUÇÃO

As práticas alimentares são importantes determinantes das condições de saúde nas diferentes fases da vida, principalmente na infância, onde as necessidades nutricionais são mais evidentes. Essas práticas estão fortemente condicionadas ao poder aquisitivo das famílias, do qual dependem a disponibilidade, quantidade e a qualidade dos alimentos consumidos.

Percebe-se, que nos últimos anos, a abertura da economia e a estabilização monetária, que ocorreram no Brasil, ampliaram o mercado consumidor. Aliado a isso, se tem o aumento

¹ Bacharel em Economia Doméstica e Mestranda em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa-MG, viviecd@yahoo.com.br

² Bacharel em Economia Doméstica e Mestranda em Economia Doméstica – UFV, irisousa@yahoo.com.br

³ Bacharel em Economia Doméstica e Mestranda em Economia Doméstica – UFV, luciolals@yahoo.com.br

⁴ Bacharel em Economia Doméstica e Mestranda em Economia Doméstica – UFV, andrezaecd@yahoo.com.br

⁵ Pós-Doutora em Família e Meio Ambiente e Professora Adjunta do Departamento de Economia Doméstica – UFV. dorinhasaraiva@hotmail.com

do poder aquisitivo das famílias, queda no preço real dos alimentos industrializados, favorecendo principalmente a maior participação dos estratos sociais de menor renda na aquisição e consumo de alimentos industrializados (MACHADO et al., 2004).

De acordo com Farina et al. (2004), Kinsey (2006) e Machado et al. (2004), tem-se que, de maneira geral, há um aumento no grau de sofisticação no consumo de alimentos à medida que ocorre um aumento da renda per capita de um país, fazendo com que os consumidores, na maioria das vezes, optem por alimentos mais elaborados, como os alimentos industrializados.

Assim, o presente estudo objetivou analisar o consumo de alimentos industrializados pela população infantil residente na cidade de Ponte Nova-MG e sua relação com a renda familiar per capita, baseados em inquérito recordatório.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Segundo dados da Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (ABIA, 2007) e do Instituto de Pesquisa AC Nielsen (2002), a demanda de alimentos industrializados no país tem aumentado consideravelmente após a abertura econômica, constatando-se que as preparações prontas para o consumo, as sopas desidratadas e o macarrão instantâneo são os alimentos que apresentaram maior crescimento de vendas a partir de 1994; demonstrando, assim, uma forte tendência à escolha de produtos mais elaborados.

Autores, como Cruz (1995) e Kinsey (2006), salientam que, além da estabilidade econômica, outros fatores como o trabalho da mulher fora do lar, maior praticidade, rapidez, durabilidade e boa aceitação do produto vêm contribuindo cada vez mais para a introdução e manutenção de alimentos industrializados nos hábitos da família e das crianças. Pesquisas, como as da FAO (2007), mostram que a diversidade e o aumento da oferta de alimentos industrializados podem influenciar substancialmente os padrões alimentares da população, principalmente a infantil, uma vez que os primeiros anos de vida se destacam como um período muito importante para o estabelecimento de hábitos.

O consumo inadequado, em excesso e muito freqüente destes alimentos, pode comprometer a saúde nesta fase e na idade adulta, uma vez que muitos alimentos industrializados são ricos em gorduras e carboidratos refinados, apresentando elevado valor energético. Além disso, os hábitos adquiridos, com o aumento do consumo de alimentos

industrializados, podem reduzir o consumo de alimentos “in natura” (CRUZ, 1995; FAO, 2007; KINSEY, 2006; SERRA, 2002).

Para Nestau (1999), o incremento da industrialização pode ter um impacto positivo para a alimentação no que se refere ao acesso a alimentos modificados, fontes alimentares e/ou enriquecidos com nutrientes que possam contribuir também para o melhor valor nutritivo da dieta infantil.

Embora tais afirmativas auxiliem na compreensão do quadro de consumo de alimentos industrializados na população brasileira, ainda é difícil estabelecer a extensão desse impacto na alimentação infantil, uma vez que não existem recomendações específicas para esse grupo, com identificação de quantidade e frequência na dieta.

Atualmente, as principais recomendações nutricionais enfatizam o incentivo ao consumo de uma maior variedade de alimentos “in natura”, onde incluam pães, cereais, frutas e hortaliças, utilizando-se sal e açúcar com moderação. Essas recomendações, segundo Frias (2009), são importantes para que se diminuam os casos de doenças crônico-degenerativas que crescem assustadoramente nos tempos modernos. A autora salienta que tais enfermidades são provenientes principalmente das mudanças no padrão alimentar do brasileiro, onde se observa que o consumo dos alimentos “in natura”, ao contrário do observado há algumas décadas atrás, vem diminuindo gradativamente, sendo substituído por outros alimentos menos saudáveis, pobres em fibras e ricos em gorduras, predominantemente saturadas.

O Comitê de Nutrição da Sociedade Brasileira de Pediatria divulgou, em 1995, as “Normas para a alimentação da criança”, onde é ressaltada a importância do aleitamento materno exclusivo até o sexto mês de vida, e a partir daí, a introdução de alimentos como frutas, cereais, leguminosas, hortaliças, carnes, pescados, vísceras e ovos, com consumo moderado de sal. Para a alimentação no segundo ano de vida, o Comitê recomendou que as refeições fossem preparadas de maneira semelhante às da família e, a partir dos três anos, que se evitasse o consumo de alimentos nos intervalos das refeições, principalmente doces, biscoitos, pães e refrigerantes.

O acesso ao alimento industrializado, como a qualquer tipo de alimento, depende das condicionantes socioeconômicas da família em que a criança está inserida. Assim como a renda, o conhecimento e o cuidado que os pais ou responsável dispensam à criança, também são importantes determinantes da seleção e aquisição de alimentos. Em países em desenvolvimento, como o Brasil, apesar de a prioridade básica ser a garantia do abastecimento

de alimentos para toda a população, é importante ao mesmo tempo evitar que as mudanças nos padrões dietéticos não propiciem o aparecimento de hábitos alimentares incorretos, independentemente do estrato socioeconômico da família (AQUINO e PHILIPPI, 2002).

Para as autoras supracitadas, estudos referentes ao padrão alimentar da população brasileira são escassos, principalmente aqueles referentes ao consumo de alimentos na infância. Em nível nacional, um dos mais importantes levantamentos ocorreu há quase 30 anos (ENDEF- Estudo Nacional de Despesa Familiar/1974), sendo que após esse período o Brasil tem apresentado diversas mudanças em seu perfil socioeconômico e demográfico e, conseqüentemente, alimentar.

O consumo de alimentos industrializados não tem sido estudado de forma específica, não se dispondo assim de dados comparativos. No entanto, estudos baseados em pesquisas de orçamento familiar têm fornecido informações gerais sobre o consumo alimentar e, desde a década de 80, observa-se tendência a haver maior diversificação na alimentação e aumento na aquisição de alimentos industrializados.

Vários indicadores econômicos recentes mostraram o aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação do mercado consumidor. Dados sobre o aumento no consumo de alimentos industrializados foram utilizados como indicadores de melhoria na qualidade de vida da população. Alimentos, como o iogurte e o frango se tornaram “ícones” de produtos que passaram a ser acessíveis às camadas mais pobres da população (FAO, 2007).

Em estudo realizado por Monteiro (2000) comparando os dados de renda familiar per capita entre os inquéritos de 84/85 e 95/ 96 na cidade de São Paulo, constatou-se que a renda praticamente dobrou de R\$ 153,00 para R\$ 296,00; enquanto que a freqüência de rendas inferiores a meio salário-mínimo per capita se mostrou insuficiente para a aquisição das necessidades básicas, passando de 22,9 para 9,3%. Apesar do aumento da renda observado entre os inquéritos, as diferenças entre os estratos e a inadequada distribuição permanecem significativas, o que inviabiliza a aquisição de alimentos necessários a uma alimentação saudável.

3 METODOLOGIA

A pesquisa em questão foi realizada na cidade de Ponte Nova-MG, pertencente à mesorregião da Zona da Mata mineira, entre os anos de 2007 e 2008. De acordo com o censo

demográfico promovido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008), o município de Ponte Nova conta com uma população total de 55.503 habitantes.

A população de estudo consiste em crianças de 0 a 5 anos de idade, nascidas e residentes na cidade de Ponte Nova-MG. Os procedimentos de amostragem empregados partiram de cadastros domiciliares atualizados dos setores censitários do município, correspondendo a um número de 150 crianças.

Foram realizadas pesquisas sobre inquérito domiciliar onde se relacionou a alimentação diária de crianças com a saúde e nutrição na infância. A pesquisa transcorreu por 5 meses consecutivos, entre outubro de 2007 à março de 2008, com a finalidade de detectar eventuais variações nos hábitos alimentares das crianças.

O inquérito em questão visou obter informações acerca do consumo alimentar das crianças estudadas e consistiu de aplicação de um inquérito recordatório de 24 horas, registrando-se todos os alimentos consumidos pelas crianças no dia anterior à entrevista.

Com a ajuda dos pais ou responsáveis pelas crianças, foram detalhadamente obtidos: os alimentos, as formas de preparo, as medidas utilizadas e as quantidades consumidas. Além dessas variáveis, foi também solicitado aos pais e responsáveis a marca comercial e o tipo do alimento, permitindo assim uma adequada identificação e avaliação do consumo dos alimentos industrializados.

Foram estudados 18 tipos de alimentos industrializados⁶, selecionados entre 1.400 alimentos que compõem o programa “Virtual Nutri” (PHILIPPI et al., 1996), utilizado para o processamento dos dados do inquérito alimentar, onde todos os alimentos consumidos pelas crianças foram incluídos neste programa.

Os alimentos foram organizados em oito grupos, de acordo com suas características industriais e nutritivas e sua utilização na alimentação infantil. Os alimentos industrializados selecionados foram:

- Lácteos (leite em pó integral, leite em pó modificado, leite fluido integral, iogurte);
- Alimentos matinais (achocolatados e cereais matinais);
- Açúcar;
- Biscoitos e salgadinhos;
- Massas alimentícias;

⁶ São produtos obtidos de processamento de um ou mais tipos de alimentos, adicionados ou não de outras substâncias permitidas, por meio de processos tecnológicos adequados (ABIA, 2007).

- Embutidos;
- Bebidas industrializadas (refrigerante, suco artificial em pó e suco natural embalado);
- Doces (balas, chocolates, doces industrializados e sorvetes).

Para a operacionalização dos dados, tem-se que o consumo de alimentos industrializados foi analisado segundo a quantidade média per capita consumida pelas crianças, em gramas ou mililitros, conforme o tipo de alimento.

A identificação da renda familiar de cada criança foi obtida por meio de informações acerca de salários e outras fontes de renda de todos os membros da unidade familiar. A somatória obtida no mês anterior à entrevista foi deflacionada e expressa em reais, sendo dividida pelo número de pessoas na família, de modo a se obter a renda familiar per capita.

Como método de análise, utilizou-se a análise de variância, que foi conduzida comparando-se as quantidades médias consumidas, analisando-se as diferenças observadas a um nível de significância de 5%, utilizando-se para isso o teste de Tukey.

Os inquéritos alimentares foram digitados e processados com auxílio do programa “Virtual Nutri”, desenvolvido por Philippi et al, (1996). Os dados socioeconômicos foram digitados e processados pelo Epi-Info, versão 6.0 e fazendo uso do programa “SPSS for Windows”, versão 8.0, para as análises estatísticas.

3 RESULTADOS

Os dados obtidos durante o estudo revelaram que em, relação à distribuição da renda familiar per capita a amplitude variou de R\$ 0,00 a 3.800,00; demonstrando, assim, importantes diferenças na distribuição de renda entre a população pontenovense; dado que confirma a estatística mineira e nacional.

Observando-se as quantidades médias de alimentos consumidas pelas crianças constataram-se diferenças estatisticamente significativas no consumo dos seguintes alimentos: açúcar, achocolatados, chocolates, iogurte, leite em pó modificado e refrigerantes. Onde o consumo de açúcar foi maior entre as crianças pertencentes às famílias de poder aquisitivo menor comparado ao consumo entre as crianças de maior poder aquisitivo ($p < 0,011$). Já o consumo de achocolatados, iogurte, leite em pó modificado e refrigerantes foi menor entre as crianças de menor poder aquisitivo ($p < 0,05$).

No que tange à relação entre os oito grupos de alimentos industrializados e a renda familiar per capita, observou-se diferenças estatisticamente significativas, principalmente com relação ao grupo dos lácteos, onde o leite em pó modificado foi o único tipo de leite cujo consumo foi estatisticamente diferente entre as faixas de renda. Esse tipo de produto foi mais consumido por crianças pertencentes às famílias de maior poder aquisitivo do que por crianças de classe econômica mais baixa ($p < 0,05$). Isso se deve, principalmente, ao fato de o preço dos leites modificados serem cerca de duas a três vezes maiores do que o preço de outros tipos de leite.

O consumo de iogurte também foi diferente entre as classes econômicas, sendo que crianças mais carentes consumiram quantidades menores em relação às crianças mais abastadas ($p < 0,05$). Esse alimento, de acordo com Kinsey (2006), foi um dos alimentos cuja produção e venda mais se elevaram nos últimos anos, sendo este, um alimento industrializado cujo consumo adequado pode ter um impacto positivo para a alimentação da criança, melhorando, tanto a qualidade da dieta, quanto o fornecimento de cálcio e outros nutrientes.

Os achocolatados foram os alimentos industrializados que se destacaram entre os mais freqüentes na alimentação das crianças, correspondendo à 53,7%, sendo seu consumo mais freqüente nas classes mais elevadas do que nas de renda mais baixa ($p = 0,002$). Os cereais matinais apresentaram a freqüência de consumo semelhante ao achocolatado (52,9%), também mais presente nas classes de renda mais elevada. Sabe-se que o uso de alimentos adicionados ao leite desempenha um papel importante no aumento da densidade energética da preparação e, conseqüentemente, no total de energia da dieta (EGASHIRA, 1998).

Não foram observadas relações significativas entre a renda e o consumo de biscoitos e salgadinhos. Em estudo sobre consumo alimentar, realizado por Galeazzi (2006), desenvolvido com famílias de cinco cidades brasileiras, também foi constatado que o consumo de biscoitos foi muito semelhante em todas as faixas de renda; porém, nesse estudo, o consumo de salgadinhos não foi avaliado. Biscoitos e salgadinhos, apesar da grande diversidade, são alimentos ricos em carboidratos. Os salgadinhos, em particular, são também ricos em lipídios e sal. Desse modo, o consumo desses alimentos pode estar associado a um considerável incremento de energia e gordura na alimentação das crianças, o que pode acarretar doenças crônico-degenerativas.

Com relação às mudanças nos padrões alimentares de crianças americanas nos últimos 30 anos, constatou-se que, apesar de o consumo energético ter se mantido, houve um

considerável aumento da proporção de lipídios da dieta, principalmente provenientes de biscoitos, salgadinhos e similares (KENNEDY e POWEEL, 1997).

Analisando-se o consumo de massas alimentícias, percebeu-se um grande consumo desses produtos, principalmente do macarrão instantâneo, não sendo constatada nenhuma diferença estatisticamente significativa em relação à renda familiar. Segundo dados da Associação Brasileira de Indústrias da Alimentação (ABIA, 2007), o macarrão instantâneo é um dos setores na indústria de alimentos que mais tem crescido nos últimos anos.

O mesmo pôde ser observado em relação ao consumo de embutidos, como salsicha, presunto e apresuntado. O presunto foi mais consumido por crianças provenientes de famílias com maior renda, sendo a salsicha e o apresuntado mais consumidos pelos estratos de menor renda. Esses dados podem estar relacionados ao maior preço do presunto em relação ao apresuntado e à salsicha.

De acordo com a ABIA (2007), a produção de refrigerantes registra significativo aumento nos últimos anos. Isso pôde ser comprovado na população em estudo que apresentou grande consumo desse tipo de produto, sendo esse consumo maior entre as crianças de maior renda ($p=0,038$).

Em relação aos doces, percebeu-se que a renda familiar influenciou diretamente o consumo de chocolates, uma vez que este foi maior entre as crianças com maior renda familiar ($p<0,05$). Na faixa etária estudada, observou-se que houve um aumento no consumo desse tipo de produto à medida que a idade das crianças aumentava. O consumo de açúcar também foi influenciado pela renda, só que de maneira inversa aos chocolates, uma vez que foi consumido em quantidades maiores ($p<0,05$) por crianças de família de menor poder aquisitivo. Sabe-se que esse produto é um alimento de alto valor energético, praticamente isento de nutrientes importantes para a saúde da criança, cujo consumo não contribui para a melhoria no valor nutritivo da preparação em que é acrescido, sendo assim necessário um controle, por parte dos pais e ou responsáveis pela criança, do consumo desse tipo de produto. É importante destacar também que freqüentemente a população de menor renda é associada ao maior consumo de alimentos de baixo valor nutritivo, como o açúcar. No entanto, outros alimentos, como os refrigerantes e chocolates, também de inadequada composição nutritiva, foram mais consumidos pelas crianças inseridas em famílias de maior renda.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do presente estudo atentam para a possibilidade de importantes mudanças no padrão da alimentação infantil e indicam que a renda influencia o consumo de alguns alimentos industrializados, principalmente aqueles de custo mais elevado.

Entre as crianças de maior renda, constatou-se um maior consumo de leite em pó modificado e iogurte o que pode contribuir para adequação da dieta dessa população, porém não se pode dizer o mesmo quanto ao maior consumo de achocolatados, chocolates e refrigerantes.

Por outro lado, quanto às crianças provenientes de famílias de menor poder aquisitivo, averiguou-se que o açúcar foi consumido em maior quantidade, comprovando a proposição de que o consumo de alimentos altamente energéticos e fontes de calorias vazias são mais consumidos por esses estratos da população.

Além disso, verificou-se também que os alimentos de alta densidade energética estão sendo cada vez mais consumidos por crianças, independente da faixa de renda, o que contribui para uma inadequação da dieta infantil, ocasionando, em muitos casos, a propensão a doenças crônico-degenerativas e à obesidade. Com isso torna-se importante a conscientização das famílias acerca da importância de uma alimentação saudável, em todas as etapas da vida, principalmente na infância, onde os hábitos alimentares são determinados. Tornam-se também necessários novos estudos acerca dessa temática, para que possa ser traçado um panorama nacional da dieta infantil, para que assim, sejam possíveis diagnósticos mais eficazes e elaboração, por parte dos órgãos públicos e privados, de soluções para reduzir a incidência das doenças crônico-degenerativas e obesidade na população infantil.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DA ALIMENTAÇÃO [ABIA]. **Consumo de alimentos em novo patamar**. São Paulo; 2007.

AQUINO, R. C.; PHILIPPI, S. T. Consumo infantil de alimentos industrializados e renda familiar na cidade de São Paulo. **Saúde Pública**. n. 36. P. 655-660, 2002.

CRUZ J. N. Marketing social e nutrição comunitaria. **Nutricion y salud pública**. Barcelona: Masson; 1995. p. 343-6.

EGASHIRA E. M. **Características da dieta e determinantes proximais do consumo energético nos primeiros dois anos de vida no Município de São Paulo**. 1998. 125f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Faculdade de Saúde Pública da USP. 1998.
FAO - Organización de las Naciones Unidas para La Agricultura y la Alimentación. **Alimentación y nutrición: creación de un mundo bien alimentado**. Roma; 2007.

FARINA E. M. M. Q.; SAES, M. S. M. **Food industry in MERCOSUL: many challenges and big opportunities**. 2004. Disponível em:
<www.pensa.org.br/anexos/biblioteca/632007145653_.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2009.

FRIAS, A. D. **A importância dos alimentos “in natura”**. Disponível em: <
www.sanavita.com.br>. Acesso em: 24 Mai. 2009.

GALEAZZI, M. A. N.; DOMENE, S. M. A.; SICHIERI, R. Estudo multicêntrico sobre consumo alimentar. **Cadernos de Debate**, 2004. 57 p.

INSTITUTO DE PESQUISA AC NIELSEN. **Tendências**. São Paulo; Cortez, 2002.
KENNEDY, E.; POWEEL, R. Changing eating patterns of American children: a view from 1996. **J Am Coll Nutr** 1997; n.16. p. 524-529.

KINSEY, JD. Food and families socioeconomic status. **J Nutr**. n. 24. p.1878-1885, 1994.

MACHADO, C. A. P.; SPERS, E. E.; CHADDAD, F. R.; NEVES, M. F.; **Agribusiness europeu**. São Paulo: Pioneira; 1996.

NESTAL, P. **Fortificación de los alimentos en los países em desarrollo**. Washington (DC): Agencia de los Estados Unidos para el Desarrollo Internacional; 1999.

PHILIPPI, S. T.; SZARFARC, S. C.; LATTERZA, A.R. **Virtual Nutri [Programa de Computador]. Versão 1.0 for Windows**. São Paulo: Departamento de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da USP, 1996.

SERRA, M. L. Evaluación del consumo de alimentos en poblaciones. **Nutrición y salud pública**. Barcelona: Masson; 2002. p. 90-96.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Comitê de Nutrição. **Normas para a alimentação da criança**. São Paulo: 1995. Disponível em: <<http://www.sbp.com.br>>. Acesso em: 22 jun. 2009.